

Quem é quem, agora, na Constituinte

O primeiro confronto para valer, no plenário da Constituinte foi pedagógico e deixou importantes lições para todos. Ficou demonstrado, a priori, que se o majoritário PMDB já é um partido irremediavelmente cindido, nenhum dos dois lados, entre tanto, nem com a ajuda dos fiéis escudeiros que das outras legendas os apoiavam, teve condições de formar sozinho a indispensável maioria absoluta. E, então, foi preciso conversar, como já ensinava aos moços o saudoso Tancredo Neves. Essa será a regra de comportamento dos constituintes para o futuro.

Ficou patente, entretanto, com o resultado do primeiro dia, que cada deputado ou senador, enquanto constituinte, foi eleito para a específica missão de participar da leitura de uma nova Carta Magna e isso se constitui numa responsabilidade pessoal perante a Nação e todo o povo — e não somente aos que os elegeram ou aos partidos pelos quais se elegeram. Não estão eles, os constituintes, por força do caráter indelegável da missão que lhes foi outorgada, subordinada a partidos

desestruturados nem submissos a lideranças de ocasião; não lhes cabe servir a interesses casuísticos, contra ou a favor do Governo de hoje que não será, obviamente, o de amanhã, nem deixar armadas arapucas para que a sociedade do futuro seja agrihçada a princípios que não sejam efetivamente os de um estado democrático de Direito, no qual os princípios democráticos — segundo a lição do velho estadista Masaryk — não consiste no domínio do povo mas na organização da vida em comum.

Comete-se uma impropriedade quando se diz que a Constituinte é soberana porque, na verdade, soberano é, de per si, cada um de seus integrantes, por delegação direta recebida do povo, de quem herana todo o poder, ou seja, a soberania.

Na hora crucial da votação, cada constituinte deve precaver-se contra a opinião das suas lideranças, porque estas, em sua maioria, têm se revelado oportunistas. No caso do PMDB, então, o uso da liderança tem sido a forma de promoção pessoal, de conservação de prestígio político e eleitoral, de se mentar constante nas folhas

para não cair no ostracismo. Não se deve fazer uma constituição para o Governo Sarney, mas com um pretendido caráter de permanência, já não dizemos de perenidade. E no entanto o sumo prazer dos líderes do PMDB é, precisamente, o de criticar o Governo, porque sem isto descambam para o anonimato. Os constituintes devem prevenir-se e não engrossar o cordão desses desesperados, que não distinguem entre a missão parlamentar e a missão constituinte, duas coisas inteiramente diferentes.

Também se acautelem com o canto de sereia das esquerdas. Não há político mais simpático, nem mais traiçoeiro, do que o esquerdista. Transmudam-se em vestais para conseguir o seu imutável objetivo, e só. A diferença entre o Lula e o Morronzinho está na evolução externa daquele, no uso do dinheiro, do desodorante, até do bom perfume, na melhor convivência com a gramática e com bons políticos, em saber dar o nó da gravata. No fundo, um é o milho e o outro é o sorgo, um manga-largo e o outro o cavalo selvagem de Roraima. Tirando o verniz, são todos iguais.